

ECONOMIA/NEGÓCIOS

Washington — AP



Washington — UPI



Washington — AP



Ao depor no Senado, Volcker disse que o Brasil adotou "decisões importantes", mostrou-se agora "mais esperançoso" e declarou-se "exatamente otimista"

Novas medidas deixam Volcker esperançoso com Brasil

Manoel Francisco Brito

162

Washington — Depois de dizer que as notícias vindas de Brasília haviam-no deixado "extremamente otimista", o presidente do Federal Reserve Board (Fed — o Banco central dos Estados Unidos), Paul Volcker, classificou as medidas adotadas pelo Governo brasileiro como "decisões muito importantes, que mostram o Brasil disposto a fazer os ajustamentos necessários na sua economia". E acrescentou: "Agora eu tenho mais esperanças", referindo-se às possibilidades de o país resolver sua crise financeira.

"Os brasileiros enfrentam problemas muito graves", mas ações de grande impacto virão amenizá-los, disse Volcker em depoimento no comitê do Senado norte-americano que examina sua recondução para um segundo mandato à frente do Fed. Na ocasião, Volcker surpreendeu ao dizer que poderá não permanecer no posto durante todos os quatro anos do mandato. "Eu não necessariamente desejo permanecer todos os quatro anos", informou.

Delfim avisa Figueiredo

[Ao chegar ontem ao Clinic Inn, em Cleveland, o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, revelou, segundo o correspondente Fritz Utzeri, que, durante o voo procedente de Brasília, o Presidente Figueiredo recebeu telefonema em que o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, comunicava a reação internacional favorável às últimas medidas adotadas pelo Governo brasileiro, incluindo os pronunciamentos do presidente do Federal Reserve Board, Paul Volcker, e da Primeira-Ministra britânica, Margaret Thatcher.]

Reagan confiante

[O Brasil não vai quebrar, disse o Presidente Ronald Reagan a um grupo de deputados republicanos que o visitou ontem, na Casa Branca. Um dos deputados, em entrevista à televisão americana reproduzida pelo Jornal Nacional da TV Globo, disse ter ouvido de Reagan que o Brasil não vai quebrar, porque vai agora receber empréstimos-ponte por intermédio do FMI e isso, somado ao programa de austeridade que acaba de ser adotado, vai evitar a quebra do Brasil. Disse o deputado que o Secretário do Tesouro, Donald Regan, contou ter falado, pelo telefone, na noite de quarta-feira, com o Presidente Figueiredo, que lhe teria dito que o Brasil concordava em pôr em prática o programa econômico sugerido pelo FMI.]

Esses pronunciamentos dão bem o tom do otimismo e alívio com que as medidas do

Governo brasileiro foram recebidas em Washington e na Europa, mas escondem a preocupação de alguns funcionários do Departamento de Tesouro norte-americano e do FMI quanto aos efeitos sociais que poderão ter.

Segundo diversas fontes ouvidas pelo JORNAL DO BRASIL, a questão do pagamento do empréstimo ao BIS não é o que mais preocupa. Sempre lembrando que a operação do empréstimo foi feita com o aval dos bancos centrais dos 27 países que formam o BIS, uma fonte do Departamento do Tesouro declarou que, caso o presidente do Banco de Basiléia assim o exigir, estes bancos centrais cobrirão a quantia devida pelo Brasil.

"Mas, por enquanto, não há nada definido. Nós temos informações de que o BIS, em vista das medidas adotadas pelo Brasil, poderia adotar uma posição mais conciliatória em relação ao pagamento e estender o prazo dado. Nós ainda não recebemos nenhuma notificação da diretoria do BIS pedindo para que nós começássemos a pagar pelo Governo brasileiro. De qualquer maneira, na sexta-feira (hoje), teremos uma definição", disse a fonte do Tesouro americano.

Acordo com FMI

A versão de que o BIS não iria pressionar o Brasil e que, se o fizesse, não haveria problema algum para resolver a questão, também foi endossada por fonte no Federal Reserve. Sobre as medidas econômicas adotadas pelo Governo brasileiro, esta fonte acompanhou Paul Volcker em seus elogios, dizendo que no Governo americano todos esperavam a conclusão de um acordo entre o Brasil e o FMI para o mais cedo possível, talvez até mesmo hoje.

Funcionários do Departamento do Tesouro faziam coro à fonte do FED, afirmando que "o programa do Governo brasileiro é corajoso e, por enfrentar diretamente a questão dos reajustes salariais, atende a uma das exigências-chave do Fundo no sentido de mover o país para uma economia de austeridade". Sem querer elaborar muito sobre para quando esperavam uma solução final nas negociações entre o Brasil e o FMI, que ela qualificou como "complexas", a fonte do Tesouro reiterou que os economistas do FMI estão esperando para ver se conseguem ganhar mais algumas concessões do Governo brasileiro.

Ele disse que os principais problemas entre o Brasil e o Fundo se encontram agora na área do orçamento das empresas estatais e na discussão sobre a questão das taxas de juro, que o FMI quer ver liberadas, enquanto o Governo brasileiro impõe o tabelamento.

Sem querer elaborar muito sobre o problema das empresas estatais, uma fonte do FMI disse que o tabelamento das taxas de juros não representa um grande obstáculo para a finalização de um acordo com o Brasil. Segundo a fonte, grande parte do crédito interno do Brasil já está comprometida e o que sobra é muito pouco para colocar em perigo a política de austeridade que o FMI quer ver implantada no país. Ele previu que as negociações entre o Fundo e o Governo brasileiro podem, muito em breve, chegar a bom termo.

No Departamento do Tesouro, uma outra fonte revelou que a resistência do Governo para liberar as taxas de juro já era esperada. "O Brasil vem cedendo o máximo que pode, e para aguentar o país tem que manter seus juros baixos para proporcionar novas possibilidades de investimentos na sua economia", afirmou.

Tanto os funcionários do Fed quanto do Departamento do Tesouro foram ávidos em afirmar o alívio com que receberam as notícias vindas do Brasil. Um deles chegou a dizer que quase não havia dormido na noite anterior, por causa dos boatos de que o país poderia pedir a moratória unilateralmente. "Agora, a gente tem certeza que, pelo menos por enquanto, os boatos de que algum banco viesse a declarar o Brasil inadimplente ou de que o país romperia com o sistema financeiro internacional ficam afastados."

Nervosos, ansiosamente esperando uma rápida definição nas negociações entre o Brasil e o FMI, os funcionários do Governo dos EUA começam a voltar suas preocupações para as consequências que as medidas econômicas adotadas trarão ao Brasil, principalmente os efeitos políticos que os novos reajustes salariais poderiam provocar. "O ajustamento é traumático", dizia um funcionário do Departamento do Tesouro, "e justamente por causa disso nós ainda temos que esperar antes de ficarmos completamente otimistas sobre o que aconteceu esta semana".

Esta mesma fonte reiterou que, desde o começo da crise financeira do Brasil, a questão social tem sido uma constante incógnita e um motivo de dor de cabeça para o governo americano. "A população brasileira tem sofrido muito, e eu duvido que alguém seja capaz de se negar a ver isto", afirmou. Uma outra fonte no Fed, apesar de demonstrar uma certa preocupação com a questão social, disse que o Brasil não tinha muita escolha. Depois de tanta pressão, do BIS, do FMI e dos bancos em Nova York, a única saída era a "adoção de um tratamento de choque".